



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
Experiência Operária e Trabalho Industrial: uma análise da vivência dos trabalhadores do setor alimentício em Marechal Cândido Rondon - PR (1990-2010)			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Guilherme Dotti Grando	Universidade Estadual do Oeste do Paraná	UNIOESTE	Graduando
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>O presente trabalho busca discutir, a partir da experiência dos trabalhadores, o processo de industrialização recente no Oeste do Paraná. Para pensar este processo histórico, buscaremos apreender e mapear as formas como se estruturam as relações de trabalho dentro de duas indústrias do setor alimentício na cidade de Marechal Cândido Rondon – PR. A partir da discussão sobre as formas de organização do trabalho nas indústrias alimentícias do Oeste paranaense, pretende-se empreender uma reflexão a respeito de como estas transformações no trabalho são experimentadas pelos trabalhadores, evidenciando com isso algumas das contradições e conflitos que são vivenciados por esta jovem classe operária. Neste sentido, o estudo realizado se propõe a pensar estes jovens trabalhadores como sujeitos desse processo de industrialização, o qual possibilita a tais indivíduos experimentá-lo de maneira tensa e conflituosa, elaborando, na vivência de tal processo, sentidos e significados para o trabalho e o próprio processo histórico de industrialização no Oeste do Paraná. As fontes utilizadas para tal discussão constituem-se, principalmente, de entrevistas realizadas com trabalhadores das indústrias do setor alimentício.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Trabalhadores; Industrialização; Modos de Vida			
ABSTRACT			
<p>This paper tries to discuss, from the workers' experience, the recent process of industrialization in west Paraná. To think more about this historical process, we'll try to comprehend and to map the ways to structure the work relations into inside two factories of the food industry in Marechal Cândido Rondon - PR. From the discussion on ways of organizing work in the food industry of the West of Paraná, it's intended to engage a reflection about how these changes in the work are experienced by workers, thereby showing some of the contradictions and conflicts that are experienced by this young working class. So, the study proposes to think these young workers like subjects of the industrialization process, which enables such subjects to experience it so tense and confrontational way. So, they formulate on the experience of this process, meaning and significance for the work and the historical industrialization process in west of Paraná. The interviews with workers in industries of the food industry are the sources for this discussion.</p>			
KEYWORDS			
Workers; Industrialization; Ways of living			

O processo de industrialização no Oeste do Paraná, no que se refere ao setor alimentício, com exceção da Sadia em Toledo, pode começar a ser percebido com maior ênfase a partir da década de 1980. Durante esse processo o município de Marechal Cândido Rondon, no Oeste do Paraná, experimentou uma série de transformações econômicas, sociais e culturais as quais por várias vezes têm sido analisadas e interpretadas sob uma perspectiva positiva, que se traduz num suposto “desenvolvimento econômico”, ou então “desenvolvimento regional” fartamente demonstrado em tabelas e gráficos ascendentes. Os trabalhadores, quando aparecem, são entendidos também dentro destes mesmos gráficos. Os significados e sentidos desta industrialização são pensados unicamente do prisma de uma maior produção material. Maior produção de frangos para

exportação, maior crescimento da economia regional e maior criação de empregos. O “desenvolvimento econômico” aparece então como a tradução do próprio sentido desta industrialização. Nesta abordagem os trabalhadores permanecem reféns deste suposto desenvolvimento.

Neste sentido, é importante realizar minimamente um esforço para localizar o momento histórico no qual são construídos conceitos fartamente utilizados para tentar explicar esse processo de industrialização recente. Com isso, podemos também oferecer um referencial para pensar historicamente a própria produção de conceitos como o de “desenvolvimento”. A importância desta reflexão ganha força à medida que o próprio uso destes conceitos para explicar a industrialização no Oeste do Paraná implica também uma concepção acerca das relações sociais, dos sujeitos históricos envolvidos, enfim, uma concepção da história.

Em alguma medida, a noção de “desenvolvimento” estava presente em pensadores como François Quesnay (1996) que, ao refletir sobre o desenvolvimento histórico da sociedade francesa do século XVI, elaborou uma análise que entendia o trabalho como a razão da riqueza. Para Quesnay a sociedade poderia ser compreendida a partir de noções como “classes produtivas” e “classes improdutivas”. O esforço empreendido por Quesnay procurava organizar um raciocínio com vistas a uma “prosperidade” da nação.

Escrevendo já no século XVIII, o inglês Adam Smith dá corpo a uma interpretação sobre as transformações sociais que observava na Inglaterra naquele momento. Pensando nos termos de um liberalismo econômico clássico, Adam Smith ponderava que a divisão do trabalho possibilitaria uma maior produção de riquezas materiais. O trabalho e a produção de riquezas materiais, com a divisão do trabalho elevada ao nível das nações encontraria o seu máximo expoente. A História, para Smith, poderia ser entendida a partir do nível de desenvolvimento da divisão do trabalho, assim, as nações que tivessem aprimoramento maior da divisão do trabalho estariam mais próximas do que Adam Smith entendia por “civilização”.

É preciso ter em conta que a análise de Adam Smith está pautada na experiência histórica inglesa e, portanto, a proposta de generalização de um paradigma que interpreta a História enquanto a ascensão da barbárie para o capitalismo significa dizer também a generalização do próprio capitalismo como paradigma universal.

Do ponto de vista de uma análise histórica, o desenvolvimento das relações capitalistas na perspectiva de um movimento histórico linear, que vá da “barbárie” a “civilização” (expressa no próprio capitalismo), já foi exposta a reflexões críticas que põe em xeque tal perspectiva. Ainda

assim, pode-se dizer que tal modelo de “desenvolvimento”, apesar das críticas a este paradigma, sobreviveu a sua própria falência histórica. Segundo Bosi, “a virtude ideológica do capitalismo no que se refere a formula ‘o desenvolvimento econômico faz bem’, continua sendo disseminada em diversas frentes fortalecidas por muitas etiquetas acadêmicas” (BOSI, 2011, p.84).

Pontuar essa reflexão sobre a historicidade de noções como “desenvolvimento econômico” pode se tornar útil para pensarmos o processo de industrialização recente no Oeste do Paraná uma vez que um dos discursos que legitimam uma determinada visão sobre esse processo histórico se apóia justamente no pressuposto de que as indústrias, e em especial as indústrias do setor alimentício como é o caso dos frigoríficos, estariam impulsionando um suposto “desenvolvimento regional”.

Como argumenta Bosi (2011), na perspectiva proposta por Adam Smith,

(...) felicidade humana passava a ser mensurada pela ampliação da possibilidade de consumo de mercadorias (objetivação dos sentimentos nas coisas), no mesmo movimento que fixava o desenvolvimento econômico como solução para, muitos (senão todos) dilemas enfrentados até então pelo homem, particularmente seus ‘interesses materiais’” (BOSI, 2011, p.82)

O ponto de vista de análise deste processo histórico com o qual procuramos dialogar ao longo deste trabalho procura justamente colocar em xeque a visão exposta brevemente acima. A dimensão que nos interessou é a dimensão da experiência, da vivência dos trabalhadores acerca do processo de industrialização. Isso implica considerar que os sentimentos de ganho, ou então de perda, vividos cotidianamente por estes trabalhadores muitas vezes não podem ser mensurados em termos econômicos.

Neste sentido, a contribuição teórico-metodológica dos estudos de Edward Palmer Thompson é bastante significativa. Ao pesquisar o processo de formação da classe operária inglesa no século XVII, Thompson procura pensar a experiência destes trabalhadores. Conforme argumenta Thompson, as relações de trabalho não são apenas relações econômicas, mas são também relações morais, portanto as experiências e conflitos em torno do trabalho implicam em valores morais (THOMPSON, 1988).

Levando em conta essa reflexão, ao pensarmos as relações de trabalho vividas pelos trabalhadores no processo de industrialização recente no Oeste do Paraná, não apenas enquanto relações econômicas, mas também relações morais, as mudanças e transformações nos modos de

viver, os ganhos ou as perdas experimentadas neste processo muitas vezes não podem ser entendidas unicamente a partir da produção de valores econômicos. Em alguma medida, os estudos e interpretações acerca da industrialização no Oeste paranaense mensuram toda a experiência de uma jovem classe operária dentro da noção positivada de “desenvolvimento econômico”. Todas as contradições e conflitos vivenciados cotidianamente são omitidos por interpretações que tomam como viés de análise estes conceitos. Neste sentido, nos parece que o entendimento deste processo histórico extrapola o paradigma do “desenvolvimento”, uma vez que, ao analisarmos os relatos de trabalhadores das indústrias alimentícias Copagril e Frimesa, estes trabalhadores nos indicam para a vivência de um processo muito mais complexo e por vezes contraditório.

O setor agroindustrial no Oeste do Paraná, como dito anteriormente, começou a ser desenvolvido na década 1980, apresentando desde então significativas mudanças na região. Os números relativos ao crescimento dos empregos relacionados à Indústria de Produtos de Alimentos oferecem uma idéia da transformação das relações de trabalho no Oeste Paranaense. De um total de 36.434 empregos contabilizados em 1996 na micro-região de Toledo, a qual o município de Marechal Cândido Rondon faz parte, cerca de 5.646 estavam relacionados à indústria de alimentos. Nove anos mais tarde, em 2007, os empregos ligados à indústria de alimentos eram 16.736 de um total de 79.309. Ou seja, se em 1996 a indústria de alimentos na micro-região de Toledo era responsável por 15,5% dos empregos, em 2007 essa porcentagem é elevada para 21,1% (BOSI, 2011). Se tomarmos como referencial apenas o município de Marechal Cândido Rondon, no qual estão localizadas as indústrias da Copagril e da Frimesa, o setor industrial responde por 30,7% dos empregos contabilizados em 2008 (BOSI, 2011).

Considerando o crescimento de um operariado na composição da classe trabalhadora evidenciado nos números apresentados, conforme argumenta Bosi (2011) o processo de industrialização no Oeste do Paraná tem se colocado na contracorrente do cenário nacional, que experimentou nos anos 1990 uma diminuição dos empregos no setor industrial. Além disso, o emprego fabril na região Oeste paranaense registrou um crescimento dos empregos formais (CARVALHAL, 2007), o que, no entanto, não necessariamente pode ser traduzido como uma melhora nas condições de trabalho nas indústrias. Segundo Rinaldo Varussa (2006), o trabalho no setor industrial, em especial o setor alimentício, vem se caracterizando por baixos salários, pouca exigência de qualificação e uma intensa rotatividade devido às condições insalubres de trabalho, que por vezes acarretam em doenças ocupacionais. Esse panorama das condições do trabalho industrial na região, segundo Varussa em muito se assemelham às características encontradas entre os trabalhadores informais (VARUSSA, 2006).

No que concerne às condições de trabalho nas indústrias alimentícias estudadas aqui, ao analisarmos as entrevistas realizadas com os trabalhadores durante a pesquisa pudemos observar que uma das dimensões que marcam a experiência do trabalho fabril em Marechal Cândido Rondon é a intensidade do ritmo de trabalho. O cansaço e o desgaste físico perpassam as narrativas destes trabalhadores. Neste sentido, o relato de Paulo é significativo dessa dimensão do trabalho industrial.

Apesar de ter apenas 25 anos Paulo já possui uma trajetória de trabalho relativamente grande. Começou a trabalhar ainda na adolescência ajudando seu pai em uma pequena mecânica de automóveis em Toledo. Depois de perder a mãe, Paulo veio morar em Marechal Cândido Rondon junto com a irmã e o irmão. Inicialmente trabalhou pouco mais de um ano em uma fábrica de macarrão, depois passou algum tempo como pedreiro, mais tarde chegou a trabalhar uns poucos meses na expedição de uma indústria de confecções. Como não se adaptou a este trabalho, Paulo voltou a trabalhar como pedreiro enquanto aguardava a resposta de outras indústrias nas quais havia deixado um currículo, dentre elas a Copagril e a Frimesa. Quando chamado pela Copagril, Paulo foi trabalhar na mesa de cortes e posteriormente como chairador, o responsável por afiar as facas para os demais operários da linha de cortes. Ao ser questionado se o trabalho na Copagril era cansativo ou não, sua resposta é bastante clara:

Era com certeza. Porque assim, era repetitivo né. Você fica sempre assim. E às vezes para você dar uma descansada, a gente [chairadores] já tinha como dar uma descansada, mas o pessoal da mesa não tem como. O frango esta passando, se ele passar o... se ele passasse a vez dele, porque era por cor, cada pessoa pegava uma cor, se a tua passar lá na frente e o chefe vê, ele já vinha e te xingava. Te incomodava para caramba, até te levava para a salinha e dava “granjo” que eles falavam lá, era uma punição para a pessoa entendeu? Mas era cansativo com certeza. O pessoal não via hora de dar o intervalo para sair um pouco, para descansar, ou para ir almoçar, na hora da refeição. E a hora de ir embora? A hora de ir embora parecia uma alegria, parecia que estavam indo numa festa. O pessoal sai exausto de lá, imagine. Porque você ficar oito horas lá, no mesmo... Que nem eu falei, o pessoal da mesa não tinha outro jeito, você podia movimentar só o corpo e ficava só de pé. Então a realidade era aquela lá, você não tinha como...¹

A narrativa de Paulo traduz na oralidade as árduas condições de trabalho que os trabalhadores vivenciam cotidianamente. Dentre outros aspectos, ressalta-se o cansaço, os conflitos com os gerentes, uma jornada de trabalho extenuante e desgastante. Por sinal, apesar do esforço empreendido pelo discurso empresarial em denominar estes trabalhadores como “colaboradores”, apropriando-se assim da linguagem das chamadas organizações flexíveis de trabalho, a experiência

¹ Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em Marechal Cândido Rondon, 2011.

desse operariado aponta muito mais para aspectos que caracterizam formas de organização do trabalho como o fordismo e o taylorismo. Contrariando um dos “princípios” de indústrias como a Frimesa, que buscam “usar a criatividade para ampliar as soluções” e ofertar

treinamentos [...] aos colaboradores durante todo o ano, pois a Frimesa entende que o aprimoramento técnico e a criação de um clima que incentive a busca de novos conhecimentos e inovação contribui para realização pessoal e profissional, bem como, na busca da excelência do negócio da empresa (FRIMESA, 2007).

O trabalho nas indústrias alimentícias analisadas aqui está distante de contribuir “para a realização pessoal e profissional”. O que parece caracterizar a rotina de trabalho destes trabalhadores é a intensidade, a repetição de movimentos e para alguns ainda somam-se a isso os acidentes ou doenças relacionados ao trabalho. A esse respeito, a fala de Eliane, 25 anos e mãe solteira, é elucidativa da experiência dessa jovem classe trabalhadora. Eliane chegou a trabalhar um mês na sala de cortes da Copagrill, depois foi transferida para o setor da limpeza, mas mesmo com essa experiência breve observou a intensa rotatividade que envolve o trabalho industrial em Marechal Cândido Rondon, e quando foi questionada sobre quais eram os motivos que poderiam estar relacionados a isso, respondeu:

Ah... justamente por causa disso né! Vai pesando que é uma coisa, chega lá é outra coisa, a gente vai por um bom salário... você vai pra fazer isso e fazer aquilo, quando você chega lá é diferente! Chega lá eles querem desossar você em vez do frango! (risos) é verdade, a minha tia [...] ela mora aqui na esquina, ela tá registrada lá... mas olha o que que aconteceu... Tava limpando uma máquina lá e ficou pendurada, quebrou o braço e não sente os dedos da mão!²

Quando tomamos como referencial de análise do processo de industrialização recente no Oeste paranaense a experiência dos trabalhadores, vislumbramos ao invés de um “desenvolvimento econômico” unívoco, um processo perpassado por contradições. As conseqüências na saúde causadas por esta forma de organização do trabalho, quando já não são explícitas como em acidentes de trabalho onde o trabalhador tem membros amputados por maquinários no local de trabalho, são profundas em longo prazo e chegam a persistir por toda uma vida. As dores nas

² Entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza, Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em Marechal Cândido Rondon, março de 2011.

articulações, coluna, braços e pernas são os prêmios oferecidos pelos frigoríficos e outras indústrias do setor alimentício em troca do esforço dos trabalhadores em alcançarem as metas de produtividade. A perspectiva que é oferecida a estes trabalhadores, mas também as próximas gerações da juventude são de um futuro onde o passado nos frigoríficos nem sempre pode deixar de ser sentido e a todo o momento lembrado nas dores.

O trabalho “flexível” torna-se apenas um discurso, enquanto a vivência dos trabalhadores permanece sendo dura. Mesmo a busca por “qualificação”, que é um dos carros-chefes dos modelos “flexíveis” de organização do trabalho, parece se distanciar da realidade do trabalho fabril em Marechal Cândido Rondon. No caso da Copagril, segundo o Relatório Anual de 2007 produzido pela empresa, de um total de 1.923 funcionários na unidade agroindustrial 891 trabalhadores não chegaram a começar o Ensino Médio, perfazendo 46,36% do total. Se acrescentarmos a essa porcentagem os operários que possuem Ensino Médio completo e incompleto ela alcançaria 87,83% (COPAGRIL, 2007).

Conforme argumenta Bosi (2011) se a discussão sobre o processo histórico de industrialização

orientar-se mais pelas experiências dos trabalhadores que vivenciam tal situação e menos pelas declarações de intenção das empresas, o perfil concretamente buscado pelas fábricas continuaria sendo o de um trabalhador taylorista, identificado por Antônio Gramsci (1978) pelas qualidades exigidas do trabalho industrial do início do século XX: “olhos atentos e mãos firmes” (BOSI, 2011, p.102).

Em grande medida o que observamos nas entrevistas realizadas com os trabalhadores da Copagril e da Frimesa é a vivência de um processo de industrialização marcado por tensões e disputas. Os próprios modos de vida que estes operários constroem não podem ser pensados como alheios a experiência do trabalho fabril. A esse respeito podemos utilizar também da leitura da obra de Antônio Gramsci (1978). Em seu texto “Americanismo e Fordismo”, ao analisar o processo de modernização da produção na sociedade norte-americana, que tem seu modelo mais acabado expresso no fordismo, Gramsci argumenta como esse processo implica também um processo de construção de um novo tipo de trabalhador, adaptado a essas transformações na esfera da produção. Segundo Gramsci

[...] os novos métodos de trabalho são indissolúveis de um determinado modo de viver, de pensar e de sentir a vida; não se pode obter sucessos num campo de obter resultados tangíveis no outro (GRAMSCI, 1978, p.328).

Neste sentido, o espaço da produção material da vida permanece em constante tensão com os espaços de reprodução. Isso implica dizer que a organização da produção no modelo proposto pelo fordismo e taylorismo implica também um processo de reorganização, aprendizagem e transformação de diversos aspectos da vida cotidiana, inclusive aspectos morais.

Ao dialogar com Gramsci é preciso ter em conta o momento histórico específico no qual ele escreve, no entanto, sem ter por objetivo simplesmente transpor a explicação de Gramsci para a análise do processo de industrialização recente no Oeste do Paraná, ao analisarmos as entrevistas com os trabalhadores das indústrias Copagril e Frimesa um dos aspectos que pudemos observar foi justamente um processo, tenso e conflituoso, de construção de modos de vida.

Como observou Izabel Borsoi (2005) ao analisar o processo, também recente, de industrialização na cidade de Horizonte, no estado do Ceará, a organização do trabalho industrial criou, modificou e alterou em um processo histórico bastante contraditório todo o modo de viver dos trabalhadores. A experiência do trabalho fabril dimensionou também aspectos que vão muito além dos muros das indústrias.

Ao pensarmos o processo de industrialização no Oeste paranaense, em grande medida, o que pudemos perceber ao analisar as entrevistas com os trabalhadores é também um processo específico de construção de modos de viver. Tendo em vista que a industrialização no Oeste do Paraná é relativamente recente e portanto para muitos dos trabalhadores da Copagril e da Frimesa essa é a primeira experiência no trabalho fabril, o que encontramos é um processo histórico de construção e reconstrução de modos de vida.

A experiência do trabalho fabril é elemento importante da organização dos modos de viver de uma jovem classe trabalhadora. Por exemplo, vale lembrar que muitos desses trabalhadores que agora se ocupam no corte do frango ou no beneficiamento de derivados do leite vieram do campo, estruturavam seu tempo de lazer, refeições, enfim, a própria vida familiar em uma dinâmica de trabalho completamente diferente da que se deparam agora com o trabalho industrial. A organização do trabalho nas indústrias e a disciplina e o controle do tempo nessas indústrias se chocam com os antigos modos de viver desse jovem operariado em um processo histórico em constante construção. A maneira como é estruturado o tempo de trabalho nas indústrias acaba por estruturar também o tempo do lazer, do descanso e de atividades sociais como festas e etc.

Ao recorrermos novamente à experiência de Paulo, podemos dar voz a uma situação vivenciada por ele e seus colegas que exemplifica bem o controle do tempo no processo de produção. Segundo o trabalhador da Copagrill, por várias vezes quando havia uma quantia menor de frangos para serem abatidos no dia o ritmo da “nória”, espécie de esteira com ganchos que trás os frangos na sala de cortes, era diminuído, obrigando os trabalhadores a permanecerem durante todo o tempo na linha de produção e frustrando as expectativas de ganharem algum tempo a mais para irem se divertir, ou então, simplesmente descansar.

Já aconteceu várias vezes, que nem eu tinha comentado, de eles, não exatamente nos iludir, mas chegava sexta-feira, vamos supor que tinha um baile que a gente queria ir no sábado que a gente ia ir trabalhar. Ai o pessoal falava o seguinte, “ó amanhã vocês estão tranqüilos. Vão trabalhar no sábado, vão ganhar o horário normal, mas vão trabalhar só metade, porque tem poucos para abater, tem poucos caminhões para abater”. A gente já ficava contente. Ai a gente ia lá trabalhar e não era isso! Eles deixavam rodar de vagar a nória para passar o horário inteiro. Como se fosse para ferrar a gente. A gente ficava louco da vida com isso ai! Daí por causa disso ai a gente de vez em quando se unia para combinar, vamos supor, amanhã não vamos trabalhar. Já aconteceu até com nós isso ai. Aconteceu duas vezes, nós não fomos trabalhar no sábado³.

A organização do tempo e da disciplina no trabalho implica não apenas uma organização técnica ou tecnológica, mas também uma organização política. Segundo Harry Braverman (1987), as formas de organização do trabalho nas sociedades capitalistas, fortemente motivadas pela divisão cada vez mais acentuada do trabalho, e principalmente as formas científicas de organização da produção, como por exemplo, o taylorismo, teria transformado o trabalho em operações cada vez mais simplificadas e racionalizadas para a produção e a remuneração do capital. Juntamente com essa transformação o próprio trabalho teria sido “degradado” do ponto de vista dos trabalhadores (BRAVERMAN, 1987).

A jovem classe operária que vem experimentando esse processo de industrialização vivencia o trabalho, como dito anteriormente, também como um valor moral. O trabalho industrial, a disciplina e o controle do tempo fazem parte dessa experiência e constantemente entram em tensão com os antigos modos de vida destes trabalhadores, muitos deles vindos do campo para a cidade num violento processo de expropriação.

³ Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em Marechal Cândido Rondon, março de 2011.

É na constante tensão com o trabalho que podemos buscar compreender como se estruturam diversas práticas que estão presentes nos modos de viver destes trabalhadores. Tendo que enfrentar jornadas extenuantes de trabalho, que, se contarmos as horas extras e também as horas gastas com o transporte até as indústrias, podem ultrapassar dez horas, a forma como estes trabalhadores passam a organizar a própria vida familiar é profundamente alterada. Em muitas das entrevistas realizadas durante a pesquisa, pudemos perceber a dificuldade vivenciada cotidianamente por esses trabalhadores para conseguir cuidar dos afazeres domésticos, darem alguma atenção aos filhos no caso dos que os têm, enfim. Para os operários que assumem os turnos da noite e da madrugada o desgaste físico torna-se ainda mais extenso e é preciso considerar a dificuldade em se relacionar socialmente para esses trabalhadores que dormem enquanto todos estão acordados e vice-versa.

Para muitos desses trabalhadores aos quais entrevistamos a expectativa de entrar em curso superior, ou quando muito terminar o ensino médio permanece sendo adiada pelo cansaço, pela falta de tempo e de condições para se dedicar aos estudos. É o que conta Marcos, trabalhador da Copagril:

E estudo, eu lembro no começo que tu falou que veio pra cá com o intuito dessa questão de trabalhar e de estudar. Tem alguma perspectiva com relação ao estudo?

MARCOS: Há eu pretendia fazer agronomia quando eu vim pra cá... só que quando eu vim pra cá... sei lá, o teu fluxo, o teu... o seu... você se preocupa com muita coisa até você se estabilizar e nisso foi passando ano após anos, ano após ano, então hoje são cinco anos que eu não fiz né...? E... quando você quer fazer sempre tem alguma coisa que tem no meio que você não... não dá certo né? Mas, eu ainda pretendo fazer...

Mas porque que tu acho que não dá certo?

MARCOS: Há a parte financeira né..? Ou tempo.... Na verdade, tempo se você apertar você acha, mas na verdade nesse tempo eu me desliguei dos estudos.... nessa parte, eu já cheguei a fazer vestibular, eu não... não passei, mas eu acho que meio parte de se desligar mesmo, porque agora eu só to focado só lá... lá e hoje eu esqueci um pouco daqui também né... A gente tá muito focado na indústria lá... que se esquece bastante coisa aqui fora né... o tempo vai passando e vai...⁴

Neste sentido, como argumenta Bosi,

⁴ Entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em Marechal Cândido Rondon, fevereiro de 2011.

[...] muitos operários encaram suas ocupações como “bicos”, cuja função, para além da sobrevivência, é possibilitar condições de acesso a ocupações mais qualificadas e melhor remuneradas. Enquanto isso não acontece, “passar o mês” com salários que não excedem, na média, o mínimo estadual, atribui à família um papel fundamental na sobrevivência de todos, situação em que o salário familiar é quase sempre parte de uma renda familiar. São numerosos os casos em que marido e mulher trabalham na mesma indústria; ou então parte da família, como irmãos, ou pais e filhos. Além dessas combinações, há operários que moram na casa dos pais e, apenas nessas circunstâncias, sobrevivem com o salário pago pelas indústrias (BOSI, 2011, pp. 112-113).

De uma forma ou de outra, ao abordarmos esse processo histórico a partir da experiência destes trabalhadores estamos lidando com uma dinâmica conflituosa e complexa, o que significa dizer que a relação entre os sujeitos históricos envolvidos é também uma relação em constante construção, na qual a experiência social do trabalho nas indústrias do setor alimentício em Marechal Cândido Rondon esta longe de conseguir ser mensurada e quantificada nos números do “desenvolvimento econômico”. O raciocínio que se tentou construir aqui procurou apontar que se trata de um processo histórico muito mais impreciso do que os gráficos ascendentes de aumento da produção de mercadorias.

As transformações nas relações de trabalho experimentadas pelos operários das indústrias alimentícias no Oeste do Paraná, não parecem apontar no sentido de uma flexibilização da relação capital-trabalho, ao contrario, colocam em discussão um processo marcado pela exploração e sujeição do trabalho ao capital. Neste sentido, conforme argumenta Edmundo Dias (1998), é preciso entender as novas formas de organização do trabalho como “a forma atual da luta de classes”. Ao analisarmos o trabalho industrial nos frigoríficos e indústrias alimentícias de Marechal Cândido Rondon, apesar do esforço das classes dominantes de construir uma “aparência” harmônica a esse processo histórico, a “essência” desta relação aponta no sentido de uma série de embates e contradições entre as classes sociais envolvidas no antagonismo capital-trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BERNARDO, Márcia H. Trabalho duro, discurso flexível: uma análise das contradições do toyotismo a partir da vivência de trabalhadores. 1ª Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

- BOSI, Antônio P.. **Precarização e intensificação do trabalho no Brasil recente: Ensaio sobre o Mundo dos Trabalhadores (1980-2000)**. 1ª Edição. Cascavel: Edunioeste, 2011.
- BORSOI, Izabel C. F.. **O Modo de Vida dos novos operários**. Quando Purgatório de torna paraíso. Fortaleza: Editora da UFC, 2005
- BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista: a degradação do trabalho no Século XX**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- CARVALHAL, Marcelo D.. “O emprego em Marechal Cândido Rondon/PR na dinâmica geográfica do Capital”. In: **Pegada Eletrônica**. Vol. 8, N. 1, Junho de 2007. <http://www4.fct.unesp.br/ceget/PEGADA81/3TextoMarcelo.pdf>
- DIAS, Edmundo F. “‘Reestruturação produtiva’: forma atual da luta de classes”. In: **Revista Outubro**. São Paulo. Número 1, 1998, p. 45-52.
- FINKLER, Anna L.. **Os problemas de saúde dos trabalhadores e a relação com o processo de trabalho em frigoríficos**. 2007. 95 p. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Enfermagem. Cascavel. Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
- GRAMSCI, Antônio. “Americanismo e Fordismo” In: **Obras escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978, p.311-339.
- QUESNAY, François. **Análise do Quadro Econômico**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações. Investigação sobre sua Natureza e suas Causas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- THOMPSON, Edward P.. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. 3 v. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- VARUSSA, Rinaldo J.. “Industrialização , trabalhadores e Justiça do Trabalho no Oeste do Paraná (década de 1990): algumas considerações”. **Tempo da Ciência**. v.13, n.35, p.145-156. Toledo : Edunioeste, 2006.